

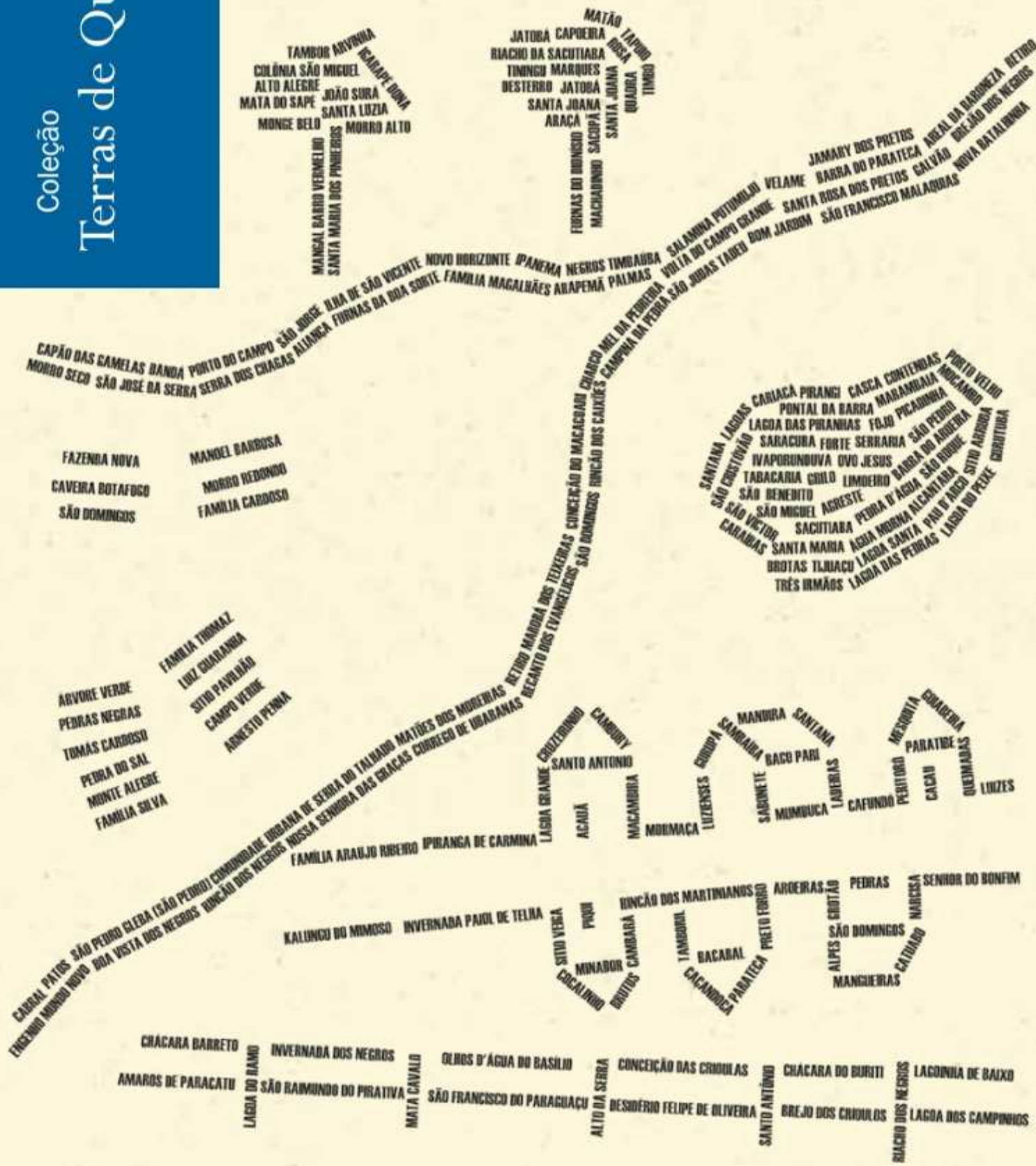


Coção

# Terras de Quilombos

Santa Catarina

# Comunidade Quilombola Família Thomaz





**As terras de quilombos** são territórios étnico-raciais com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias. Elas expressam a resistência a diferentes formas de dominação e a sua regularização fundiária está garantida pela Constituição Federal de 1988.

O Decreto 4.887/2003 define que o INCRA, autarquia vinculada ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), é o órgão federal responsável pela titulação dos quilombos, com competência concorrente do Distrito Federal, estados e municípios. Para fins de regularização fundiária, o INCRA elabora Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação (RTID) que reúnem informações fundiárias e cadastrais das famílias, bem como a caracterização antropológica, histórica, econômica e ambiental da área quilombola. Esse trabalho tem gerado um grande acervo de dados, registrando de maneira inédita um arcabouço de manifestações e características dos quilombos nos períodos escravocrata e pós-escravocrata.

O objetivo da parceria entre INCRA, CGPCT e NEAD (MDA) e UFMG é sistematizar e dar publicidade às informações contidas nos RTIDs, em muitos casos ignoradas pela historiografia oficial. Esse material, registrado no âmbito dos processos administrativos do INCRA, foi transposto para uma linguagem acessível, com o apoio de diversos colaboradores, destacando-se os autores das etnografias dos RTIDs. Os livretos trazem também depoimentos dos próprios quilombolas. Eles testemunham a continuidade de uma luta fortalecida pela esperança de que o conhecimento de sua história garanta finalmente a compreensão da legitimidade de seu pleito pela titulação.

A publicação dos livretos visa, assim, a contribuir para o reconhecimento das comunidades quilombolas, estimulando a difusão de informações qualificadas sobre elas. Reunidas nesta Coleção, as histórias de resistência quilombola agora podem ser conhecidas mutuamente pelos quilombolas das diversas regiões do país. Espera-se também que este material forneça a gestores públicos, educadores, pesquisadores e demais interessados informações acessíveis sobre essas comunidades.



# Comunidade Quilombola Família Thomaz

## Quilombo Família Thomaz: singular e visível

O Quilombo Família Thomaz está localizado no município Treze de Maio, no sul do estado de Santa Catarina. A região é em sua maior parte agrícola, com pequenas propriedades rurais que se espalham por toda a sua extensão.

A história do quilombo se confunde com a da cidade, mas ao invés de o nome Treze de Maio ser lembrado como uma homenagem à presença negra no município, o passado escravocrata foi apagado da história oficial. A narrativa





histórica divulgada na região suprime a contribuição dos negros no município e enfatiza a dos italianos. Na versão corrente, o que marca a história é seu passado glorioso e branco, sem qualquer sinal de negros escravizados ou libertos. Monumentos foram trocados, fatos e símbolos oficiais foram eliminados, até mesmo o nome da cidade é considerado como fruto de uma coincidência.

O encobrimento da participação dos negros na história de Treze de Maio também marca a vida do Quilombo Família Thomaz. Mesmo tendo a sua terra documentada e desapropriada, a comunidade sofreu diversas pressões, principalmente de vizinhos, resultando na saída e perda das terras herdadas. A área que Custódio Manuel Thomaz fundou tinha sido demarcada em 1877, durante o loteamento da Colônia Azambuja, planejada para receber os imigrantes italianos. Quando o patriarca faleceu, na década de 1940, a comunidade perdeu seu território. Durante mais de meio século, os herdeiros se dispersaram em pequenos grupos familiares, vagando por várias cidades. Desde a saída de suas terras, vivem principalmente nas regiões circunvizinhas do município de Criciúma, mas também em localidades mais distantes, como Balneário Camboriú. Essa separação causou grande sofrimento aos quilombolas.

A Família Thomaz obteve sua certidão de autodefinição como Remanescente de Quilombo, emitida pela Fundação Cultural Palmares, no dia 11 de março de 2009. Atualmente, a comunidade é composta por trinta famílias, todas descendentes do ancestral Custódio Manoel Thomaz.

A promessa de voltar para a sua terra ficou mais próxima de se realizar quando, em uma segunda-feira, dia 22 de junho de 2015, o território quilombola foi declarado como sendo de interesse social. Com isso, será possível retirar, por desapropriação, as três pequenas propriedades localizadas no território e concluir o processo de titulação do Quilombo Família Thomaz. O título concluirá uma luta iniciada há cerca de 70 anos. Um lote de pouco mais de 30 hectares traz a promessa de vida em abundância! O pequeno quilombo resiste!

## Treze de Maio e a invisibilidade

Treze de Maio, município onde está a comunidade quilombola Família Thomaz, faz menção à data da Abolição da Escravatura em 1888. Entretanto, os memorialistas locais preferem vincular a sua história aos colonos que vieram da Europa, principalmente os italianos. Nessa escrita da história catarinense há uma tendência em excluir a participação dos grupos negros escravizados, embora eles já estivessem na região desde o período colonial, quando foram concedidas as primeiras sesmarias da região.

Em vez de ligar o nome da cidade à Abolição da Escravatura, esses memorialistas contam que se trata de simples coincidência, confusão de um historiador desconhecido ou obra do acaso. A intenção de negar a relação do nome Treze de Maio à Abolição e à presença de negros escravizados que antecedeu a vinda dos imigrantes europeus é tão forte que ignora até os símbolos oficiais do município: a letra do hino, a bandeira e o brasão, que fazem referência à população negra na localidade e à sua libertação.

Erguendo os braços co'as algemas rotas

Na data augusta da libertação

O escravo outrora vil e acorrentado

Enflora as armas deste teu Brasão.

[...]

Por sobre os troncos e os grilhões em sangue

E o azorrague de uma mão cruel

Colocou Deus as régias mãos bondosas

E a imagem redentora de Isabel.

Caminha, juventude, e acende a chama

E mostra ao mundo escravo o teu perfil.

És filho desta terra quem a ama.

A liberdade é filha do Brasil.

[...]

Trechos do Hino da cidade Treze de Maio, SC

O monumento que homenageava a libertação dos escravos e que ficava na entrada da cidade foi trocado por outro, em homenagem à colonização italiana – uma carroça e duas imagens de colonos. Existe ainda a estátua de um trabalhador negro, que os membros da Família Thomaz temem que possa ser também removida, se a tendência de ‘branqueamento’ da história local prosseguir.



Símbolos oficiais de Treze de Maio: o Brasão e a Bandeira, ambos evocam a Abolição.

Fonte: <http://www.trezedemaio.sc.gov.br>

Mais do que mera coincidência, Treze de Maio homenageia o trabalho escravo que foi largamente utilizado na região. Muitos desses escravizados, quando libertos, permaneceram ou receberam por herança parte das terras de seus senhores.

O discurso corrente na cidade de Treze de Maio omite as idas e vindas dos negros. Mesmo assim, há lembranças e relatos dessa presença. São memórias dos negros que iam em carros de boi vender charque, linguiça, cachaça, farinha e outros gêneros na cidade. Há também registro dos tempos antigos transpostas para os livros, em que os escritores locais se recordam com saudade de quando bebiam “a cachacinha de alambique”, produto das populações negras.

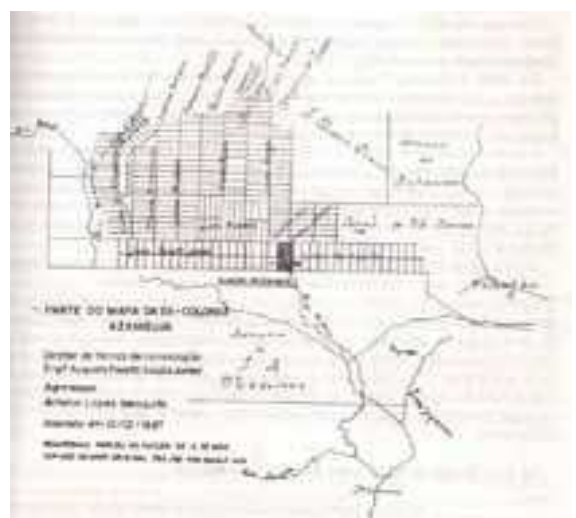
A narrativa do passado é feita do ponto de vista de apenas um lado, que é o de quem conta a história, em geral descendentes de europeus. A ausência dos negros dessa narrativa expressa o interesse em demarcar o seu próprio protagonismo, o que reproduz o distanciamento entre eles.

## Origem do quilombo e ancestralidade

O quilombo é formado por descendentes de Custódio Manoel Thomaz, negro escravizado que, à época da Abolição, teria recebido um quinhão de terras de seu senhor, Isaías Coelho dos Santos, um proprietário da localidade de Arroio Corrente, cidade de Jaguaruna. A posse dessa herança é comprovada pelo documento de medição de 1914, que também fornece a extensão da terra e sua localização.

Custódio Manoel Thomaz tinha o apreço e a confiança de Isaías Coelho, chegando a ocupar a função de guarda de sua casa. Por isso, chegado o tempo da Abolição, Isaías Coelho teria tentado dar seu sobrenome ao escravo Custódio, proposta recusada pela esposa, por considerar um ultraje que escravos recebessem o mesmo sobrenome de seus filhos. Diante dessa oposição, a saída encontrada por Isaías Coelho foi enviar Custódio para ocupar um pedaço de terras em um lugar distante dali, na Colônia Azambuja, justamente no local onde anos mais tarde seria fundado o município de Treze de Maio.

Após sua libertação, Custódio Manoel Thomaz casou-se com Maria Sebastiana de Jesus, no dia 28 de março de 1892, na Capela Nossa Senhora das Dores de Jaguaruna. A primeira filha, Izaulina Thomaz, nascida em 22 de setembro de 1894, foi batizada pelo seu antigo senhor, Isaías Coelho dos Santos. Essa atitude demonstra a estima que Custódio tinha por Isaías, ao torná-lo seu compadre e membro de sua família. Com isso, retribuiu a afeição que seu ex-dono demonstrara ao longo dos anos de escravidão.



Mapa representando a Ex-Colônia Azambuja, extraído do livro VETORETTI, Amadio. História de Tubarão. Das origens ao Século XX. Tubarão: Prefeitura Municipal de Tubarão, 1992. Fonte: Relatório Antropológico.



Platô onde Custódio construiu sua casa.  
Ao centro, um vestígio do muro de pedras.  
À esquerda, Senhor Dormêndio apontando  
o local onde ficava a casa de farinha.

Fonte: Relatório Antropológico.

De posse da terra, Custódio começou a estruturar a propriedade. Parte da área foi desmatada para a agricultura, especialmente para o cultivo de mandioca, cana-de-açúcar, milho e feijão, bem como para a criação de porcos e galinhas. Ainda hoje, os descendentes criam pequenos animais em suas moradias ou terrenos próximos a elas.

No ponto mais alto da propriedade, ficava a roça em que Custódio Manoel Thomaz plantava cana-de-açúcar e mandioca. A cana era levada para o alambique e o engenho, e a mandioca era torrada na casa de farinha, todos construídos por ele. Outro lugar onde abriam as roças ficava em uma parte mais baixa do terreno, perto do açude construído, alguns anos mais tarde, por seu filho Amâncio. Nessas terras mais úmidas, plantava-se, além da mandioca, também o milho, feijão e batatas. Também havia a criação de galinhas e porcos, tanto para o seu consumo quanto para a troca das sobras da produção.

Na terra de Treze de Maio, eu sei que tinha engenho de farinha, tinha alambique de fazer cachaça, engenho de açúcar também. As roças, as plantações, as criações... era porco, galinha. E plantava milho, plantava mandioca, plantava feijão, fazia farinha.

(Dona Benedita, neta de Custódio, em 18/06/2011)



Parte do chão de pedras e buraco dos esteios do engenho de cana-de-açúcar que serviu de moradia a Manoel Custódio e sua família. Fonte: Relatório Antropológico.



Na cidade Treze de Maio, o casal Custódio e Maria Sebastiana teve seus nove filhos: Izolina, Amâncio, Manoel Custódio, Judite, Maria, Clemência, José, Antônio e Joana. Destes, apenas Manoel Custódio e José, filho adotivo, se casaram. José mudou-se para Santos, teve apenas um filho, também adotivo, e o contato entre ele e o restante da família se perdeu.

Manoel Custódio Thomaz casou-se com Adalgiza Rosa de Jesus. Seus descendentes contam que ela era filha de um italiano com uma índia e vivia nas proximidades da terra de Treze de Maio. Ainda segundo o relato da família, essa união provocou conflito entre os familiares do noivo e os da noiva: os pais da noiva eram contrários ao relacionamento da moça com um negro, pois, embora “mestiça”, era considerada “branca”. Após o casamento, os laços da noiva com sua família foram abalados, o que durante muitos anos marcou a Família Thomaz.

Manoel e Adalgiza casaram-se na Igreja de São João de Urussanga Baixa e foram viver junto de Custódio e de seus filhos solteiros. Nas terras da família, o casal teve sete filhos: Ornedes, Odetacy, Maria Olívia, Maria das Dores, Dormêndio e mais duas crianças, que faleceram ainda pequenas. Após os anos de 1940, quando já haviam saído de suas terras e ido para a localidade de Morro Grande, nasceram ainda quatro meninas: Maria Zoraide, Maria Zoê, Valdete e Custódia Benedita. Também no Morro Grande vieram a adotar um menino: Carlos Benedito.

Em 1945, Custódio Manoel Thomaz faleceu. Depois disso, os filhos começaram a deixar a terra. Segundo o documento de inventário, Custódio viveu noventa anos e, até o fim da vida, era ativo e trabalhava a terra. Com a morte de seu pai, Manoel Custódio Thomaz tornou-se o chefe da família e, pouco tempo depois, saiu da terra herdada.

A saída da terra foi consequência de várias pressões sofridas pelos membros da família. Ameaças veladas, assédio, isolamento socioeconômico e outras violências, inclusive racistas, deixaram os herdeiros de Custódio sem opção. As pressões os abateram de tal forma que não conseguiram

mais resistir e abandonaram, com pesar, a terra herdada e seu modo de vida tradicional.

Um dos motivos foi a impossibilidade de as mulheres solteiras se relacionarem com rapazes. Com isso, não havia, na região, pretendentes para elas se casarem. Ao seu redor só moravam famílias brancas e, mesmo com alguma convivência cordial, a regra era que negros e brancos não deveriam se misturar por laços conjugais. Assim, mulheres negras, em um ambiente social onde os negros eram poucos e os brancos muitos, tinham pouca ou nenhuma chance de encontrar marido:

O que elas diziam era que, quando chegou a idade de casar, tinha uns poucos negros na vizinhança. O resto dos vizinhos era branco e, naquele tempo, um homem negro casar com uma branca já era muito difícil, agora, um branco casar com uma negra era impossível. Então, elas não tiveram essa opção, não tiveram essa possibilidade de se casar. (D. Zoê, entrevista, 16/05/2011)

Não tendo maridos, não poderiam dar continuidade às gerações familiares na lida camponesa com a terra. Os filhos, principalmente os rapazes mais jovens, são fundamentais para trabalhar e garantir o sustento da família. Quando os velhos vão perdendo as forças, são os jovens que assumem a lida diária.

A partida de Manuel Custódio Thomaz – líder da parentela e provedor de seu sustento e segurança – dificultou a permanência do restante da família, formada em sua maioria por mulheres. Mesmo tendo ido para um lugar próximo, não se sentiram capazes de se manter sozinhos e pouco tempo depois também saíram.

Outro fator que contribuiu para a saída da Família Thomaz foi o assédio sofrido pelas mulheres. Quando os homens saíam para trabalhar nas roças e as mulheres se viam sozinhas, frequentemente chegava um vizinho querendo se aproveitar das moças.

Tinha uma família, agora são poucos deles lá. O França, era Bertoldo França. Bertoldo Velho, porque tem o Bertoldo Filho e o Bertoldo Velho. Esse Bertoldo Velho, quando os homens saíam pra roça, ele ia lá ‘inticar’ com elas, em prol, assim, de fazer uma maldade, né? Daí, eles acharam melhor vir, para elas ficarem mais seguras

contra essa maldade. Então, meu pai trouxe elas. Então, é quase assim como elas saírem fugidas, né? Porque fazia pouco tempo ainda da libertação do escravos, então, eles se achavam ainda naquele poder de fazer o que quisesse com os negros.

(Dona Benedita, entrevista, 18/05/2011)

Outro fato que causou a saída da terra foi a exigência de que parte da produção fosse entregue a outros, que não haviam trabalhado a terra, como forma de tributo.

A terra em Treze de Maio, o que eles contavam é que eles trabalhavam na terra, e a maior parte eles tinham de pagar pros outros. Vamos supor: eles colhiam aí mil quilos de mandioca e a metade eles tinham de entregar. Aí, eles julgaram que era melhor ir viver numa terra que era deles mesmo. Lá não era que seja deles mesmo, e eles queriam viver onde pudessem plantar e viver do que plantavam, sem dever a ninguém. (Dona Zoê, entrevista, 16/05/2011)

Após terem deixado as terras de sua herança, a comunidade seguiu ainda por um tempo vivendo em uma área rural vizinha, próxima à região de Tubarão, chamada Morro Grande, também conhecida como *Coloninha dos Negros*.

Pouco depois, a Família Thomaz sofreu um processo ainda mais forte de dispersão. As famílias se mudaram para cidades diferentes, em busca de meios para ganhar a vida. Viveram, então, um período de grande sofrimento causado pela distância da terra e impossibilidade de retorno:

Acontece que lá na Colônia [Azambuja], para mim, lá é vida, enquanto que aqui não tem nada, nada de bom mesmo. Muito trabalho, sacrificado sempre. Ali na Prefeitura mesmo, era difícil de, às vezes, dar vergonha de andar na rua e encontrar um conhecido.

(Senhor Dormêdio, entrevista, 13/05/2011)

Hoje, os quilombolas da Família Thomaz estão distribuídos em pequenos grupos familiares nas localidades de Camboriú, Criciúma e Porto Alegre. Os membros da família vivem, em geral, do trabalho assalariado e de aposentadorias e pensões. Quando a Família Thomaz saiu da área, três pequenas propriedades ocuparam o território, que tem sido usado principalmente para a criação de gado.



## Herança cultural

Um dos pontos fortes da tradição da Família Thomaz é a culinária, com destaque para a galinha de caçarola e a carne de porco, pratos famosos por seu sabor. As mulheres da família preparam receitas, tais como broas de milho, cuscuz, rosca de polvilho, doces de frutas, angu, cural, paçoca de amendoim, pão de ló, pão assado em folha de bananeira, pirão de mandioca, tapioca e canjica socada no pilão, usando produtos da terra. Elas também preservam diversas formas de preparar carnes, produtos derivados de animais e da agricultura: manteiga, linguiça, tutano de boi, carne de sol, açúcar, farinha e caçaça no alambique.

Dona Benedita – neta do Custódio – conta que suas tias Judite e Maria eram habilidosas na arte da tecelagem:

Teciam manta, teciam toalhas de rosto e de mesa. Faziam tudo, tudo. E também sabiam corar a roupa com carvão de um jeito que ninguém mais fazia. Todo mundo falava ‘Nossa, as toalhas daquelas negras são brancas como não tem!’. Elas eram muito caprichosas. Tudo tinha de ser corado, gomado. Um esmero que dava gosto de ver. (Benedita, entrevista 18/05/2011.)

Outra neta de Custódio, Dona Valdete, lembra que tia Judite e tia Maria sabiam tecer renda de bilro, arte de tecer renda ligada à influência da colonização açoriana, muito presente no litoral de Santa Catarina.

A maioria dos membros da Família Thomaz professa a fé católica. Uma das exceções é Marcos, filho de Dormêndio e bisneto de Custódio, que atualmente está completando a formação para tornar-se pastor de uma igreja pentecostal.

Como conta Sr. Dormêndio, que conheceu e conviveu com seu avô, Custódio assistia à missa na Paróquia de São João de Urussanga Baixa, próximo da terra de Treze de Maio. As tias Judite e Maria são lembradas pela parentela como muito fervorosas. As festas de que se lembram são, sobretudo, festividades católicas:

Tinha as missões. Quando os missionários chegavam no Morro Grande, as pessoas paravam uma semana só para se dedicar à

religião. Era muito bonito. E tinha festa todo ano, que a igreja tem o padroeiro, né? Que é São João Batista, que tem a festa todo ano que é muito famosa. Meu pai também era muito festeiro e participava sempre das festas. (Dona Zoê, neta de Custódio e filha de Amâncio)

Outra tradição importante é a benzedura. Maria e Judite eram muito requisitadas para benzer e, por serem reconhecidas por sua grande fé, suas orações e benzeduras são lembradas pelo poder para curar. As fórmulas faziam referência aos santos católicos. Eram recitadas pelo benzedor, que orientava a pessoa benzida a dar as respostas e a manter a postura do corpo de acordo com as suas instruções.

Um dos exemplos de benzedura é a cura de zipra, doença nos vasos linfáticos. Relembra D. Benedita:

E quando era assim uma ferida que abria, dizia-se zipra, uma coisa que todos nós temos, quando dá assim uma ferida que quase não fecha. Tem a zipra e tem a íngua. Porque muitos médicos estão cortando uma íngua e dizendo que é câncer! E na verdade não é. Aí essa minha tia disse essas palavrinhas para uma mulher aqui em cima e a mulher se curou. O que é a fé, né?! Então, a pessoa fica na nossa frente e a gente pergunta assim:

— Pedro e Paulo foram a Roma. Encontrou com nosso Senhor.

— Onde vindes, Pedro e Paulo?

— Senhor, viemos de Roma.

— Que doenças há por lá?

— Muita zipra e erisipela, muita gente morre dela.

— Volte atrás, Pedro e Paulo.

— Com que se cura, Senhor?

— Com pé de galinha preta e com o azeite da lamparina, em nome de Deus e da Virgem Maria.

O uso de ervas medicinais é outra herança da Família Thomaz. Saber exclusivo das mulheres é usado para o tratamento de problemas físicos por meio da aplicação de emplastos e ingestão de chás. Elas conhecem uma lista grande de ervas para fazer chás, infusões e emplastos que curam diversos males.

## Os laços de parentesco

A coesão da Família Thomaz tem como base dois aspectos fundamentais: a centralidade de uma figura masculina, cabeça da família, à qual o restante do grupo segue, e uma rede de assistência aos parentes e agregados mais velhos, que vivem sozinhos ou quando estão doentes.

Custódio Manoel Thomaz foi o primeiro chefe da família e, após sua morte, este papel coube a seu filho Manoel Custódio Thomaz.

Recentemente, o papel de chefe da parentela extensa foi assumido por Dormêndio Thomaz, que organizou a demanda pela posse da terra do quilombo. Sua liderança pode ser comprovada pela forma como os familiares o seguem em sua peregrinação na mudança de residência, primeiro em Camboriú e agora em Criciúma. Márcio, filho do meio do Sr. Dormêndio e presidente da Associação Remanescente de Quilombo Família Thomaz, deverá ser o próximo a assumir essa liderança familiar.

Cabe às mulheres da família cuidar dos parentes doentes ou debilitados. Dona Benedita e Dona Zoê cuidaram dos tios Amâncio, Judite e Maria até a morte e, atualmente, cuidam de seu irmão mais velho, Ornedes. O zelo com os necessitados é uma espécie de obrigação moral que as gerações mais novas têm para com as mais velhas.



Dona Maria Zoê e Sr. Domêndio Thomaz.

Fonte: Relatório Antropológico.



Senhor Dormêndio Thomaz em sua sala. Fonte: Relatório Antropológico.



O cuidado com os mais fracos também se faz na acolhida por adoção, prática sempre presente nas gerações da Família Thomaz. Custódio e seu filho Manoel adotaram filhos. Seguindo este exemplo, Dona Zoê e Dona Valdete adotaram um grupo formado por três irmãos, filhos de uma mulher “meio aparentada”, que vivia em Morro Grande.

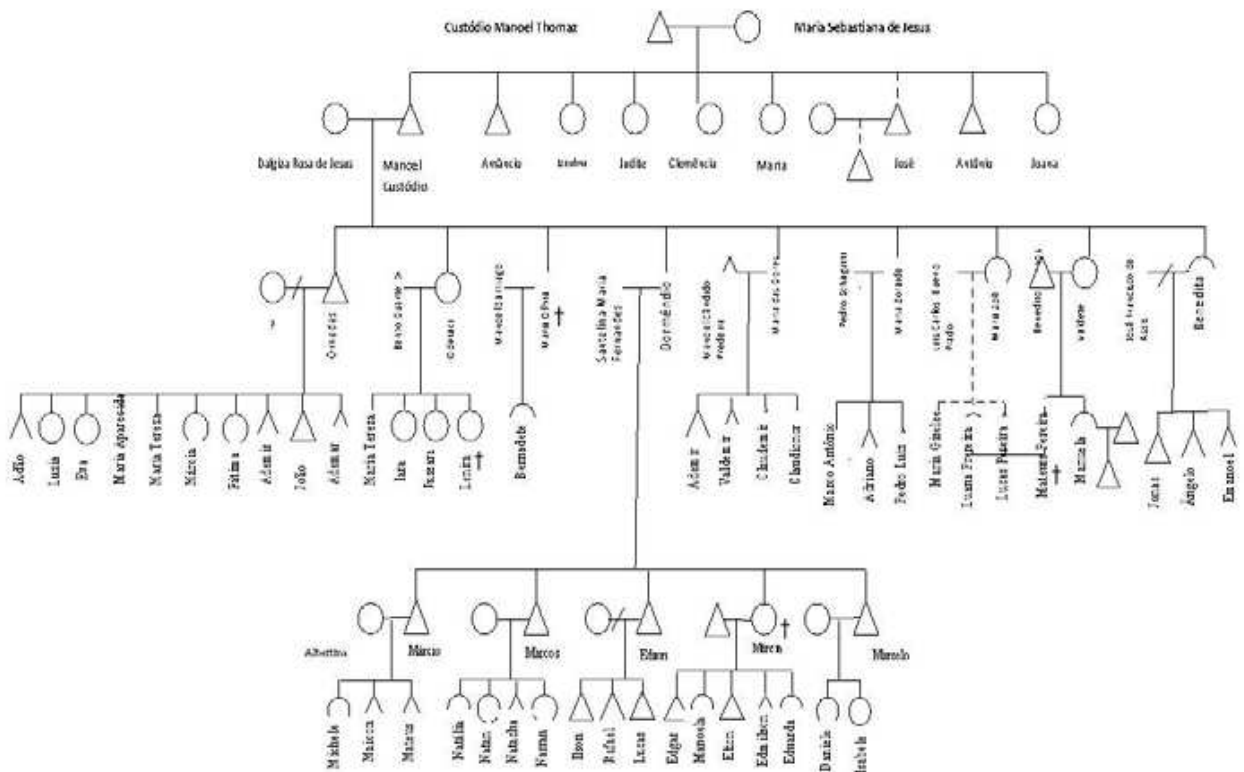


Imagem 35 Diagrama de Parentesco da Família Thomaz.

**Legenda:**

- † Mortes na família ocorridas a partir da G3, considerando todos que os indivíduos das gerações G1 e G2 são falecidos.
- Filiação adotiva.
- / Separações ou divórcios.

**Observação:** Luana, Lucas e Mateus Pereira são irmãos biológicos, adotados pelas irmãs Maria Zoê e Valdete.

Diagrama de Parentesco da Família Thomaz - atualizado.

Fonte: Relatório Antropológico e relato Comunidade.

## Terra: herança e vida

A reivindicação da terra ancestral passa pela identificação e caracterização do espaço originalmente ocupado, pelo reconhecimento de sua identidade e pela possibilidade de reagregar a família. Além disso, vislumbram com isso retomar os plantios de hortas e cultivos de subsistência, substituindo a compra da maior parte dos alimentos, que a residência na cidade impõe.

Para os descendentes de Custódio Manoel Thomaz, a titulação da terra permitirá que as próximas gerações conheçam sua história. Assim, seu passado não será esquecido, e sua identidade coletiva resguardada. É o que diz Marcos, bisneto de Custódio e filho de Dormêndio, quando indagado sobre o que a retomada do território significa para ele:

O que eu quero é poder apontar para um lugar e dizer: ‘eu vim dali’. É isso. Identidade: é isso que essa terra representa para mim. Poder dizer que eu também faço parte da história, que a minha família também fez parte da história. Não é a terra em si. Para mim, a grande questão é essa – é identidade.

(Marcos, entrevista, 23/05/2011)

Em 22 de junho de 2015, a Presidência da República publicou o decreto que viabiliza a titulação da área de 30,8 hectares reivindicada pela Comunidade Remanescente de Quilombo Família Thomaz. Essa ação repara erros passados e remedia décadas de grande sofrimento para o Quilombo Família Thomaz, que vê se aproximar a retomada de seu modo de vida, sufocado na cidade. A força garantida pela união da Família Thomaz em torno da recuperação de sua terra produziu o fruto mais almejado: a posse da terra, tornando-os visíveis àqueles que insistiam em negar sua presença e sua herança.

Esta narrativa foi escrita por Sandra Martins Farias a partir do Relatório Antropológico Comunidade Remanescente de Quilombo Família Thomaz, redigido por Andréia Baia Prestes e Tomás Henrique de Azevedo Gomes Melo. Com informações adicionais do texto “Notícia Assessoria de Comunicação do INCRA” em 23/06/2015. Disponível em <http://www.incra.gov.br/noticias/decretoregularizacomunidadequilombolafamiliathomazemsantacatarina>.

# Uma palavra da comunidade Família Thomaz

“Foram anos de luta para nosso reconhecimento, uma conquista não apenas para a comunidade, mas sim para a etnia negra, que está sendo mais reconhecida em nossa região. Um gosto de liberdade essa conquista trouxe a nós, com apoio do INCRA e membros focados. Passamos por muita imoralidade e em nome da comunidade só tenho a agradecer a todos que deram o seu apoio”.

Estátua localizada na Praça Central de Treze de Maio, um dos símbolos oficiais da cidade.



Este texto foi transcrito por Isabella Miranda a partir de consulta à Comunidade Remanescente de Quilombo Família Thomaz em julho de 2015.



# Projeto Formulação de uma Linguagem Pública Sobre Comunidades Quilombolas

PARCERIA	INCRA/CGPCT/NEAD; UFMG/OJB, CEBRAS, NUQ
COORDENAÇÃO GERAL	Lilian C. B. Gomes, Deborah Lima, Juarez Rocha Guimarães, Maria Consolação Lucinda, Leonardo Avritzer
CONCEPÇÃO DE TEXTO E EDIÇÃO FINAL	Deborah Lima
EDIÇÃO DE TEXTO	Juarez Rocha Guimarães, Wallace Santos, Gustavo A. Fonseca Silva
SUPERVISÃO DAS NARRATIVAS	Deborah Lima, Carlos Eduardo Marques, Alexandre Sampaio
CONSULTA ÀS COMUNIDADES	Lilian C. B. Gomes, Cláudia Marques Oliveira, Isabella G. Miranda, Marilene Ribeiro
ADMINISTRAÇÃO	Kaianan Mauê S. Rosa, Priscila Z. Matins
MAPAS E FOTOGRAFIAS	Alexander Cambraia N. Vaz
PROJETO GRÁFICO	Paulo Schmidt

F224q Farias, Sandra Martins  
Quilombo Família Thomaz / Sandra Martins Farias. - Belo Horizonte :  
FAFICH, 2015.

16 p. (Terras de quilombos)  
Baseado no Relatório antropológico referente à identificação da  
comunidade remanescente de Quilombo Família Thomaz/Treze de Maio /SC de  
Andreia Baia Prestes e Tomás Henrique de Azevedo Gomes Melo.

1. Quilombos. 2. Antropologia. 3. Prestes, Andréia Baia. Relatório  
antropológico referente à identificação da comunidade remanescente de  
Quilombo Família Thomaz/Treze de Maio /SC.4.Melo, Tomás Henrique de  
Azevedo Gomes. Relatório antropológico referente à identificação da  
comunidade remanescente de Quilombo Família Thomaz/Treze de Maio /SC I.  
Título. II. Série.

CDD:306  
CDU:39

DILMA ROUSSEFF  
Presidenta da República

PATRUS ANANIAS  
Ministro de Estado do  
Desenvolvimento Agrário

MARIA FERNANDA RAMOS COELHO  
Secretária Executiva do Ministério do  
Desenvolvimento Agrário

ROBERTO WAGNER RODRIGUES  
Diretor do Núcleo de Estudos Agrários  
e Desenvolvimento Rural

ZORILDA GOMES DE ARAÚJO  
Coordenadora do Núcleo de Estudos  
Agrários e Desenvolvimento Rural

EDMILTON CERQUEIRA  
QUÊNER CHAVES DOS SANTOS  
Coordenação Geral de Políticas para  
Povos e Comunidades Tradicionais

MARIA LÚCIA FALCÓN  
Presidenta do Instituto Nacional de  
Colonização e Reforma Agrária

RICHARD MARTINS TORSIANO  
Diretor de Ordenamento da  
Estrutura Fundiária

ISABELLE ALLINE LOPES PICELLI  
Coordenadora Geral de Regularização  
de Territórios Quilombolas

GUILHERME MANSUR DIAS  
JULIA MARQUES DALLA COSTA  
Coordenação Executiva do Projeto

SERVIÇOS QUILOMBOLAS  
Apoio técnico  
Superintendências nos estados



# A Coleção Terras de Quilombos

reúne um conjunto de narrativas a respeito da formação, do modo de vida e das lutas travadas por comunidades quilombolas brasileiras para se manter em seus territórios tradicionais. Em cada livreto, uma comunidade quilombola é apresentada em sua singularidade.

Ao todo, a Coleção oferece um panorama da diversidade de trajetórias vividas por ex-escravizados – incluindo por vezes indígenas e grupos em outras situações sociais – para conquistar a sua independência e se estabelecer na terra autonomamente. O fato de terem sido deixados à própria sorte após a Abolição resultou em uma multiplicidade de caminhos percorridos para conseguirem consolidar os seus territórios. Foram muitos os modos como ocuparam as suas terras e distintas as maneiras como formaram as suas comunidades, enfrentando todo tipo de desafios para se relacionarem livremente com seu entorno.

O conceito de quilombo esteve associado ao período da colônia e do império. Com a Abolição, os quilombos deixaram de ser mencionados, como se o fim de quatro séculos de escravidão significasse a garantia de liberdade. No entanto, os quilombolas continuaram e continuam a lutar para reproduzir seus modos de criar, fazer e viver, resistindo às dificuldades, injustiças e preconceções legadas pelo período escravocrata. São essas as histórias narradas nesta Coleção. São histórias do Brasil vistas pelo prisma de quem, com suas tradições, formas de vida, religiosidades e respeito à terra, enriquece o mosaico da sociodiversidade brasileira.